

Surpreender o Leitor—'Reader-Response Criticism' Revisitado

Ana Soares

sobre Stanley Fish. *Surprised by Sin: The Reader in Paradise Lost*. 2nd ed. Cambridge Massachusetts: Harvard University Press, 1998.

Na introdução a *Is There a Text in This Class?*, Stanley Fish indica as razões pelas quais não poderia, em 1980, quando escreve o texto introdutório, ter escrito os ensaios reunidos naquele volume. Não poderia, pois nesses ensaios apresenta conclusões e argumentos assentes em pressupostos que veio entretanto a abandonar. É esse abandono, afirma, que constitui o interesse dos textos, uma vez que significa a negação da imutabilidade da teoria. Em vez de um campo teórico que existe, estático, a aguardar as perguntas que o preencherão, Fish propõe que

(...) the field of inquiry is constituted by the questions we are able to ask because the entities that populate it come into being as the presuppositions—they are discourse-specific entities—of those questions. (1)

O campo de questionação é, portanto, o conjunto das questões que o investigador formula, ou, por outras palavras, vai constantemente tomando formas diferentes, consoante as perguntas que se geram. É impossível pensá-lo como um objecto inalterável; o “campo” da teoria da literatura é um acontecimento, não um objecto.

Quando, em 1997, escreve o prefácio à segunda edição de *Surprised by Sin, The Reader in Paradise Lost*, Fish revela que, logo após a saída da obra em 1967, recebeu cartas de outros especialistas em Milton, agradecendo-lhe o ‘avanço’ nos estudos miltonianos. Não surpreendido com o teor das cartas, Fish explica que o passo em frente dado por si em *Surprised by Sin* não era mais do que “the realization of a need or desideratum already specified, although not always explicitly, by the shape of [the prevailing conditions in the discipline]” (ix). Modestamente, Fish assume a proposição da tese apresentada na obra sobre Milton apenas na medida em que se considera um agente na comunidade literária dos estudos miltonianos; de acordo com esta retórica, semelhante à que servira a Thomas Kuhn para explicar avanços, através

de paradigmas de questões, nas ciências, qualquer outro especialista na literatura de Milton chegaria rapidamente a conclusões semelhantes às de Fish, ou a semelhante colocação dos problemas¹. As metástases sofridas pela disciplina (campo de questionação, teoria da literatura, estudos miltonianos) continuam a estar embrionárias nas questões que constituirão a disciplina. A actividade de questionar consiste, por si, mais uma vez, na zona de onde se colocam as questões.

Estes dois passos argumentativos, ainda que na coincidência da sua localização para-textual, repetem a ideia principal que Stanley Fish começara por avançar no texto de 1967, e que viria a constituir um passo significativo, dentro dos estudos literários, para a valorização da instância do leitor. Nas palavras do próprio Fish, a operação teórica que realizou sobre *Paradise Lost* consistiu em transferir “the field where coherence was to be found from the words on the page to the experience they provoked” (x); a formulação sintetizava-se, inicialmente, como “the poem’s centre of reference is its reader who is also its subject” (1). Através e a partir da análise daquele poema de Milton, Fish propunha, para qualquer experiência de leitura ou processo interpretativo, que se centrasse a atenção na experiência do leitor, no carácter processual, sequencial, temporal, e, logo, vivencial, da interpretação. Como se verá adiante, porém, nem é pacífico que esta deslocação da atenção do texto para o leitor se tenha concretizado em *Surprised by Sin* nem aí o leitor sofre uma melhoria das condições de existência no âmbito dos estudos literários.

Mas a tese central de *Surprised by Sin* viria a tomar, de facto, um lugar importante no percurso de viragem em direcção ao leitor, entre os estudos literários anglo-americanos. Para Elizabeth Freund, é no livro de Fish que o leitor entra, pela primeira vez, no ‘palco dos estudos ingleses,’ e logo frente a um cenário paradisíaco (90)². O golpe perpetrado pelos New Critics em geral e por Wimsatt e Beardsley em particular, aquando da denúncia das falácias de subjectividades³, excluía de qualquer exame supostamente sistemático e sério da literatura figuras inconstantes e dificilmente sondáveis como o autor e o leitor. A ressurreição em contexto edénico que Fish vinha propor servia na perfeição como metáfora do percurso cíclico da pesquisa literária. O campo de questionação mantinha a dinâmica que lhe permitia renovar-se. Ao mesmo tempo, consolidava-se um tipo de crítica cuja focalização tinha como núcleo o leitor e a experiência de leitura.

A expressão “reader-response criticism” nomeia a centralidade do leitor no processo da interpretação e da crítica literária como um lugar de privilégio. A

leitura, bem como a sua agência, são vistas como entidades excepcionais cujas prerrogativas são incontornáveis para o entendimento de qualquer texto literário. Mais: de acordo com Fish, não é só necessário conhecer os pressupostos da leitura e do leitor para ler bem—é apenas do entendimento dessas instâncias enquanto figuras inscritas no próprio texto a interpretar que a interpretação é possível. “Paradise Lost is a poem about how its readers came to be the way they are” (x), o que implica que o conhecimento do poema passa pelo conhecimento dos seus leitores, entre os quais se inscreve, sem dúvida, aquele que pretende completar essa tarefa. Todos os leitores estão, desde o início, inscritos no texto miltoniano: “this poet is telling the story that created and still creates the responses of its reader and of all readers” (38). A relevância que Fish, alegadamente, atribuiu ao leitor nesta obra foi de tal modo afirmada que o poema de Milton, mesmo se analisado com uma perspicácia e um interesse inegáveis, acabaria por ficar numa espécie de segundo plano, como se a sua existência tivesse o fito único de explicar o papel da instância leitora no processo interpretativo. O que, aliás, é perceptível na súmula do debate (enunciada por Fish) que se seguiu à publicação de *Surprised by Sin*. Entre os investigadores da obra de Milton, a importância do estudo de Fish é já institucional. Dela, dá-se conta de forma rápida e pouco aprofundada (entre parêntesis, o autor relata o reconhecimento dos professores para quem *Surprised by Sin* “made it possible (...) to teach Paradise Lost to modern students,” xv). A grande discussão veio a acontecer acerca da maneira como Fish entende o objecto do poema, i.e., o seu leitor. No correr dessa discussão, através dos artigos de debate, das alterações nas revistas literárias, das defesas e das investidas contra a tese do leitor, foi-se estabelecendo aquilo que pode ser hoje considerado todo o campo de investigação da leitura, pelo menos no que aos estudos literários anglo-americanos diz respeito. ‘Reader-response criticism’ é essa sucessão de perguntas e abordagens, problemas e tentativas de solução.

O estatuto nuclear do leitor neste estudo, no entanto, não é sinónimo de uma valorização positiva da instância de leitura. A atenção vira-se para o leitor apenas para mais claramente revelar a sua inépcia, realçar as suas incapacidades e sublinhar os seus defeitos. O que se descreve em *Surprised by Sin* é uma história de aprendizagem árdua e nunca (ou raramente, pelo menos a um nível teórico) feliz. O texto de Milton surge como uma alegoria do processo de leitura, segundo a qual os leitores são equiparados a Adão e Eva. A partir daqui, desenvolve-se a tese da interpretação como tentação—dar respostas aos enigmas de um texto, i.e., tentar compreendê-lo, é um processo

que seduz o leitor para um abismo. Não o da ausência de soluções interpretativas, que pareceria a concretização dos seus medos, mas o da apresentação dessas soluções: “the reader who fails repeatedly before the pressures of the poem soon realizes that his difficulty proves its major assertions” (38). Por outras palavras, não falhar na resposta aos desafios do poema é negar as suas afirmações—acertar é errar. A lógica deste argumento torna-se mais clara quando se lê a explicação para a cena da Queda em *Paradise Lost* e para a preocupação dos críticos que tentam perceber a sua causa. Fish propõe que existe um confronto entre duas forças contrárias, a força do raciocínio e a força da fé, que consubstanciam, respectivamente, o Mal e o Bem. Eva, no diálogo com Satã em forma de serpente, falha (i.e., cede ao pecado) porque segue o raciocínio diabólico e, seguindo-o, abandona a fé. Da mesma maneira, Adão cai em pecado por deixar de ter fé e elaborar um pensamento racional de causa e consequência. Ambos incorrem no pecado do empirismo, crendo ser verdade aquilo que é visível e lhes parece inexorável (“the deadening implications of the letter,” 234). O leitor, por sua vez, peca ao tentar interpretar para além daquilo que lê, ou seja, ao procurar estabelecer razões (formas visíveis e empíricas do que, aparentemente, é obscuro) para os acontecimentos textuais fora do que são as “discourse-specific entities” ou fenómenos:

The parallelism between the situation in Paradise and the reader's situation extends to the ambiguous position of reason, at once a source of strength and, in one well-defined circumstance, a portal of temptation. In the context of the reading experience, the bounds of presumption are set by the assertions of the epic voice ... and by God, and any attempt to reformulate the terms of the narrative situation in order to bring it within the compass of human understanding represents an illegitimate intrusion of the analytical faculty on areas closed to it. (244)

O leitor peca, portanto, quando perde a fé no Deus que é o texto (“God,” “epic voice” ou “Milton,” no discurso de Fish assim como no poema, são entidades textuais). Em consequência, é o texto o verdadeiro fulcro que domina o processo de interpretação, e não o seu leitor.

Ter fé é a única alternativa ao pecado, a única forma possível de salvação, para Adão e Eva como para os leitores de textos literários. Mas se é compreensível que tipo ou acto de fé poderá redimir os seres primordiais, já não é tão óbvia a forma da fé que o leitor terá de possuir para poder salvar-se. Se o texto tem áreas ‘fechadas à intrusão da faculdade analítica,’ isso significa duas coi-

sas importantes: (1) que existem partes do texto que não são compreensíveis através do raciocínio; (2) que precisamente essas partes estão vedadas à tentativa de criar-lhes acessibilidade. Ou seja—aquilo que no texto precisa de ser interpretado é exactamente o que se proíbe ao leitor que interprete. Então, a luz que ilumina o leitor na boca da cena crítica serve apenas para tornar mais visível o esplendor do objecto textual, para torná-lo mais ícone ainda. No Paraíso, Adão e Eva teriam tido a possibilidade de não ceder à tentação da lógica, permanecendo, como Cristo perante Satã, imóveis e confiantes em Deus—assim se glorificariam. Mas, para o leitor, o correspondente a essa imobilidade é a não-leitura, a não-interpretação (“(...) the poem is to be read correctly, i.e., not read at all,” xlix), ou seja, a negação de si próprio. Teremos, então, por exemplo, de contemplar, sem tentar atribuir-lhe causas analíticas, o seguinte passo em que Fish situa a cena do poema na mente do leitor (ao contrário da afirmação anterior segundo a qual o leitor era o objecto do poema de Milton):

Milton's purpose is to educate the reader to an awareness of his position and responsibilities as a fallen man, and to a sense of the distance which separates him from the innocence once his (...) Milton's method is to re-create in the mind of the reader (*which is, finally, the poem's scene*) the drama of the Fall. (1, *itálicos meus*)

A Queda, re-encenada na mente do leitor, é o poema. Acontece que este nunca poderá entrar em cena enquanto intérprete—a condição para permanecer em palco será como espectador. Daí o seu desconforto (“the reader (...) is repeatedly asked to choose between the interpretation which comforts him and the interpretation which is true,” 261). Tudo se passa no leitor, mas é comandado por “Milton.” Este, por sua vez, é uma instância textual que, de acordo com a retórica de Fish, existe, *finalmente*, no pensamento do leitor. Trata-se de uma circularidade argumentativa que não parece servir de sustentação a uma teoria da leitura, já que em nenhum momento se define claramente uma relação prioritária da leitura em relação ao texto. O que, afinal, acaba por resumir como elemento mais poderoso em todo o processo interpretativo é o próprio discurso, o estilo, a retórica. Ao conhecer a tentação da retórica, o apelo da argumentação persuasiva, que vem pela boca de Satã, o leitor apodera-se ao mesmo tempo da sua imagem como alguém vulnerável e daquele que poderá ser o instrumento da sua redenção: “Rhetoric is thus the sign of the readers' infirmity and the means by which he is brought first to sel-

f-knowledge, and then to contrition, and finally, perhaps, to grace and everlasting bliss" (38).

As objecções à tese de *Surprised by Sin* seguiram-se sem demora. Entre saber quem seria Deus, de facto, na alegoria da leitura (Fish apresenta várias hipóteses e não deixa decidir-se sobre nenhuma, desde o próprio texto, passando pelo seu autor, até ainda, em certas passagens, o crítico, logo, Fish ele mesmo) e perceber qual a verdadeira alternativa à tentação de interpretar, surgiram críticas, algumas ferozes, que vieram a desaguar naquilo que foi a proposta de uma nova tese—a das comunidades interpretativas (em *Is There a Text in This Class?*, 1980). O prefácio de 1997 a *Surprised by Sin* re-elabora problemas deixados em aberto no texto de 1967, fazendo uso de premissas teóricas herdadas entretanto do conceito de 'comunidade interpretativa' (e.g., "the conceiving does not follow the visibilia but configures them," xxxv; ou "there are only the facts that come along with a certain styling," xl). O que Fish fez, porém, naquela nova proposta, não foi solucionar as perguntas que haviam ficado em aberto em *Surprised by Sin*. Em vez disso, realizou o que continuou a preconizar como a possibilidade de perpetuar a vida da teoria da literatura—alterando o conjunto de questões, alterou, i.e., permitiu que se renovasse, o campo de questionação, imprimindo-lhe, com as questões emergentes, uma dinâmica reanimada. Dessa dinâmica foram resultando passagens mais ou menos relevantes por áreas não restringidas aos estudos literários, como os estudos jurídicos ou os estudos culturais.

O que Stanley Fish trouxe para a Teoria da Literatura não foram apenas as novidades sobre ou as duvidosas propostas de re-equacionar a leitura, a interpretação, a comunidade literária ou interpretativa. A mais-valia que Fish entrega à disciplina, e que se alarga a todas as áreas da literatura, desde a vastidão disciplinar dos estudos culturais até às especificidades de miltonianos ou outros, é um estilo de argumentação que se inscreve na concretização de uma ideia glorificada de retórica e de deslocação argumentativa de questões—a cada objecção, Fish deflecte o problema e apresenta, como resposta, sempre um argumento desviado da questão original. Não o faz por inépcia, mas por um instinto de sobrevivência que lhe atribui o papel de redentor dos estudos literários. No prefácio à 2ª. edição de *Surprised by Sin*, os críticos são Satã; Fish, num registo modesto, é Uriel. Porém, o poder de clarificação que lhe assiste deifica-o, transforma-o perigosamente num Deus retórico, num quase demónio ("the world's first and best rhetorician disguised as a snake," xlviii). O protagonista da sua tese, afinal, transforma-o. Mas talvez não chegue a surpreendê-lo.

Notes

¹ Que esta atitude de Fish possa ser considerada como o mais elementar exercício de falsa modéstia não altera as suas consequências.

² Freund, Elizabeth, *The Return of the Reader, Reader-Response Criticism*, (Methuen, London & New York: editora, 1987).

³ Wimsatt, W.K., and Beardsley, M. *The Verbal Icon*, (University of Kentucky Press, 1954).